



UM RETRATO DO(S) FALAR(ES) BRASILEIRO(S) ATRAVÉS DE ESTUDOS MONOGRÁFICOS DA 2ª FASE DA DIALETOLOGIA BRASILEIRA: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E SINGULARIDADES

Ione Pereira dos Santos Oliveira (PPGLinC-UFBA)¹
ioneps@yahoo.com.br

RESUMO: A ideia de língua como sistema homogêneo tem sido rebatida pelas pesquisas sociolinguísticas, dialetológicas e no âmbito da Linguística Histórica que concordam, como quer Faraco (2005, p. 31), que “toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades”. Nesse bojo, as pesquisas dialetológicas, em especial, têm encontrado um vasto campo de trabalho nas variedades observadas nos diferentes espaços geográficos. Nessa esteira, este trabalho tem o objetivo de oferecer um retrato da Língua Portuguesa, através da variação linguística apresentada em obras de referência da segunda fase dos estudos dialetológicos, a saber: *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva; *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral; *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim; e, *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes. A hipótese aqui confirmada é a de que a descrição dos fenômenos de variação apontados pelos autores pode, pois, contribuir para a construção do conhecimento sobre a variação espacial em Língua Portuguesa, além de fornecer pistas para processos de mudança concluídos nessa língua, além de comprovar, como defende Faraco (2005, p. 34) que “qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática”.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia. Português europeu x português brasileiro. Falares brasileiros.

ABSTRACT: The idea of language as a homogeneous system has been countered by sociolinguistic, dialectological and historical linguistic research that agrees, as Faraco (2005) points out, that "every language is a heterogeneous set of varieties". In this context, dialectological researches, in particular, have found a vast field of work in the varieties observed in the different geographical spaces. In this vein, this work has the objective of offering a portrait of the Portuguese Language, through the linguistic variation presented in reference works of the second phase of dialectological studies, namely: *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, by José Jorge Paranhos da Silva; *O dialeto caipira*, by Amadeu Amaral; *A língua do Nordeste*, by Mario Marroquim; and, *O linguajar carioca em 1922*, by Antenor Nascentes. The hypothesis confirmed here is that the description of the variation phenomena pointed out by the authors can therefore contribute to the construction of the knowledge about the spatial variation in Portuguese Language, besides providing clues to the change processes concluded in that language, besides proving, as Faraco (2005, 34) argues that "any part of the language can change from aspects of pronunciation to aspects of its semantic and pragmatic organization."

KEYWORDS: Dialectology. Portuguese vs. Brazilian Portuguese. Brazilian Speakings.

¹ Doutoranda PPGLinC-UFBA.



PRA INÍCIO DE CONVERSA

A tradição, com o apoio da escola, tem se esforçado por muito tempo para legitimar como ideal um modelo de língua enquanto estrutura homogênea. No entanto, as pesquisas sociolinguísticas, dialetológicas e até mesmo da Linguística Histórica têm tido sucesso em atestar que, como afirma Faraco (2005, p. 31), “toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades”.

Na verdade, até mesmo o mais estruturalista do linguista de que se tem notícia, reconheceu esse fato: “o que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro” (Saussure, 2012, p. 253).

Já que, como quer Mattos e Silva (2004, p. 27), “as línguas naturais são fenômenos históricos em contínuo processo de fazer-se e refazer-se”, mudança e variação devem ser encaradas como processos naturais de qualquer língua, e assim sendo, o número expressivo de suas ocorrências não poderia deixar de ser considerado como um fenômeno que justifica uma incursão minuciosa e prolifera em seu fazer científico.

Por isso, diferentes disciplinas têm se empenhado no estudo das variedades que podem ocorrer numa língua. Enquanto a Linguística Histórica ocupa-se das variedades ocorridas no tempo e a Sociolinguística das variedades relacionadas aos contextos sociais, a Dialetologia, campo da linguística em que este trabalho se detém, cuida das variedades geográficas, as quais são costumeiramente percebidas nos dialetos.

O objetivo deste trabalho é oferecer um retrato da Língua Portuguesa, através da variação linguística apresentada em obras de referência para os estudos dialetológicos, a saber: *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil*, de José Jorge Paranhos da Silva; *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral; *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim; e, *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes.

A descrição dos fenômenos de variação apontados pelos autores pode, pois, contribuir para a construção do conhecimento sobre a variação espacial em Língua



Portuguesa, além de fornecer pistas para processos de mudança concluídos nessa língua, além de comprovar, como defende Faraco (2005, p. 34) que “qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática”.

Dessa forma, além desta introdução, este trabalho apresenta outras cinco partes: i) pilares teóricos - em que se apresenta os referenciais teóricos que subsidiam este trabalho, a saber, a teoria linguística no contexto da Sociolinguística, da Dialetologia e suas fases de manifestação no Brasil; ii) o falar brasileiro X o falar de Portugal - em que se faz uma apresentação da comparação apresentada por Silva (1879); iii) um retrato do(s) falar(es) brasileiros - em que se realiza uma descrição dos panoramas oferecidos por Amaral (1976), Marroquim (1934) e Nascentes (1922); iv) mudança linguística: o léxico em pauta - em que se destaca aspectos relevantes apreendidos do uso lexical revelado pelas obras citadas, e, por fim; v) uma pausa na conversa - em que se ressalta os principais pontos de conclusão a que se chega a partir das observações empreendidas nos *corpora*.

PORQUE UM POUCO DE TEORIA E HISTÓRIA NÃO FAZEM MAL A NINGUÉM

As línguas mudam. Foi a partir dessa conclusão e da dificuldade do formalismo linguístico de lidar com a mudança que surgiram, desde os anos 60, os estudos da Sociolinguística. No Brasil, muitos trabalhos já baseados numa sociolinguística mais especializada, de cariz variacionista, pautada nas abordagens de William Labov, foram realizados. Para essa teoria a variação e a mudança são inerentes às línguas, como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Tendo como destaque a heterogeneidade da língua, a Sociolinguística e a dialetologia chegam a ser consideradas indiscriminadamente, como destaca Cardoso (2010, p. 27) ao lembrar a posição de Corvalan (1988) para quem as disciplinas podem ser consideradas até certo ponto como sinônimas, no sentido em que “estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços



linguísticos e certos grupos de indivíduos”. Lembra aquela autora, no entanto, que se diferenciam na maneira de tratar o fenômeno da variação e na perspectiva que atribuem à abordagem dos fatos linguísticos.

A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma como eminentemente diatópica. A Sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação dos fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas (CARDOSO, 2010, p. 26).

Assim, a dialetologia, disciplina a que especificamente se detém este texto, estuda a variação espacial, representada pelas diferenças diatópicas. Seu objeto de estudo é, assim, os dialetos, também chamados de unidades sintópicas. A dialetologia tem o objetivo, como afirma Cardoso (2010, p. 15), de “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Para registrar os usos e descrevê-los a partir de sua distribuição espacial, usualmente, são utilizados mapas. Essa metodologia está associada à dialetologia desde, pelo menos, a publicação do Atlas Linguistique de la France (ALF) (1902-1910) de Gilliéron e Edmont, o qual, “embora surja na sequência de outros trabalhos desta natureza, é o primeiro atlas linguístico a orientar-se pelos critérios mais rigorosos que esta disciplina (a geografia linguística) veio a adotar” (FERREIRA et.al., 1996, p. 484).

Desde então, diferentes atlas linguísticos foram produzidos a partir dos critérios teórico-metodológicos estabelecidos pela cartografia linguística, dos quais se destaca o Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALIB)², já que, como quer Cardoso (2008 *apud*

² O projeto é coordenado por um comitê nacional que integra diversas instituições de ensino superior, que tem a sua sede na Universidade Federal da Bahia, sob a presidência e direção executiva das professoras/pesquisadoras Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso e Jacyra Andrade Mota, respectivamente, e com a participação das universidades federais do Ceará, da Paraíba, do Pará, de Juiz de Fora, de Ouro Preto, de Mato Grosso do Sul, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e da Universidade Estadual de Londrina. Colaboram, ainda, com o Projeto diversas outras instituições de ensino, públicas e privadas. (Adaptado de MACHADO FILHO, 2010, p. 3-4).



MACHADO FILHO, 2010, p. 3), o Brasil

na sua ampla extensão territorial — país-continente —, apresenta-se como uma terra de grandes contrastes, marcada pela heterogeneidade cultural, social e econômica que se vai refletir, também, na língua portuguesa, hoje majoritariamente falada. A diversidade da língua está, pois, vinculada à diversidade cultural tomada nos seus mais diferenciados aspectos.

O ALIB começou a organizar-se em novembro de 1996, por ocasião do Seminário Nacional *Caminhos e perspectivas da geolinguística no Brasil*. Seus dois primeiros volumes foram publicados em 2014, durante o III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, ocorrido na cidade de Londrina. Dessa maneira, “a diversidade dialetal brasileira passou, então, a contar com dados confiáveis de aspectos dos usos de normas, jamais antes registradas sistematicamente”, como informa Machado Filho (2016, p. 8).

Ainda assim, é importante registrar que a primeira obra de natureza dialetal sobre o português do Brasil teve vez com um capítulo do livro *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*, escrito por Domingos Borges de Barros, o Visconde da Pedra Branca, sob encomenda do geógrafo Balbi, em 1826, a fim de descrever a língua brasileira (FERREIRA e CARDOSO, 1994). A partir disso, a história da dialetologia foi dividida em quatro fases:

- i. De 1826 a 1920 – Desde o *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe* a *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral;
- ii. De 1920 a 1952 – Com destaque para *O Linguajar Carioca* (1922), de Antenor Nascentes e para *A Língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim, até o decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, assentando a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa com a finalidade principal de elaborar o *Atlas linguístico do Brasil*, conforme cópia Cardoso (2010, p. 138) do parágrafo 3º;
- iii. De 1952 a 1996 - com a implantação de fato do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil*;
- iv. De 1996 aos nossos dias, contando com diversos atlas publicados para descrever a fala de diversos lugares do Brasil³.

³ Para um panorama do contexto dos estudos dialetológicos no Brasil, cf. CARDOSO (1999).



Vê-se assim que as diversidades de falares de diferentes espaços geográficos tem sido tema de muitos estudos do campo da Linguística. No entanto, vale, ainda, considerar mais uma vez obras deveras importantes para a descrição histórica do Português Brasileiro, tanto em oposição a sua variante europeia, quanto em sua diversidade regional. É do que tratar-se-á doravante.

UM RETRATO DOS FALARES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Falado em diferentes espaços, em diferentes continentes do Globo terrestre, o português, nas várias facetas com que seu “rosto linguístico” e sua “mocidade” passaram, paradoxalmente, a se identificar, conformou-se em veículo multicultural e multiespacial de expressão, tendo sido falado nos diversos cenários de colonização por que transitou, e é, hoje, veículo tanto em âmbito local, quanto global, isto é, intra, trans e internacionalmente, referenciando pluralidades e mediando níveis distintos de representação cultural e identitária, inobstantes os novos formatos que absorveu (MACHADO FILHO e SANTOS OLIVEIRA, 2017, p. 260).

Equivale a isso dizer que “as configurações linguísticas internas que assume a língua portuguesa nos diversos lugares em que é utilizada são de natureza também diferenciada”, considerando que a variação social e espacial da língua têm características próprias em cada um dos locais em que é falada, ainda que a sua alegada unidade seja reconhecida pela “espinha dorsal [...] que é o sistema de regras comuns que subjaz a essas diferenças, e que dá suporte a que, enquanto fenômeno histórico se possa afirmar que nesses diferentes pontos do globo está, ali, a língua portuguesa e não outra língua” (MATTOS E SILVA, 1988, p.2).

Não obstante, interessa aqui apresentar as convergências, divergências e singularidades entre as variedades do português europeu e brasileiro, apontadas por José Paranhos da Silva, em *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil* (1879), através do quadro a seguir:



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

	PORTUGAL	BRASIL	STATUS
FONÉTICO/ FONOLÓGICO	Som chiante no final das palavras (x)	Som sibilante no final das palavras (z). Exceção: RJ	DIVERGÊNCIA
	SC pronunciado: nascer	SC simplificação da pronúncia: nacer	DIVERGÊNCIA
	D pronunciado com o TH inglês	-	SINGULARIDADE
	troca do <i>b</i> pelo <i>v</i>	troca do <i>b</i> pelo <i>v</i>	CONVERGÊNCIA
	<i>a</i> aberto e fechado; sendo que quando nasal, pronuncia-se aberto	<i>a</i> = suaves distinções que dependem da posição da sílaba em que se encontra na palavra. Quando nasal, pronuncia o <i>a</i> fechado	DIVERGÊNCIA
	aberto (pé), fechado (lêr) e com ausência de pronúncia (t'rreno), raramente fechado, mesmo quando nasal ou em verbos	<i>e</i> aberto e fechado, com pronúncia fechada em nasais	DIVERGÊNCIA
	<i>o</i> aberto (só), fechado (pôr) e com ausência de pronúncia que assemelha-se com uma substituição por u (b[u]ndade). Quando nasal, o som é aberto (hómem)	som aberto (módo) e fechado (fôrça). Exceção: SP (pronúncia <i>u</i>)	DIVERGÊNCIA
	Sem distinção	Sem distinção	CONVERGÊNCIA
	usa-se na pronúncia e na escrita em substituição ao <i>o</i> fechado	usa-se na pronúncia e na escrita em substituição ao <i>o</i> fechado	CONVERGÊNCIA
	O <i>i</i> dos ditongos <i>ai</i> e <i>ei</i> é pronunciado com mais força	O <i>ae</i> e dos ditongos <i>ai</i> e <i>ei</i> é pronunciado com mais força	DIVERGÊNCIA



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

	PORTUGAL	BRASIL	STATUS
SEMÂNTICO LEXICAL	Absurridade	absurdo	DIVERGÊNCIA
	Brigante	salteador	DIVERGÊNCIA
	Carnagem	matança	DIVERGÊNCIA
	Deser	sobremesa	DIVERGÊNCIA
	Entestar	teimar	DIVERGÊNCIA
	Fusil	espingarda	DIVERGÊNCIA
	Grimaças	trejeitos	DIVERGÊNCIA
	Insurmontavel	insuperável	DIVERGÊNCIA
	Massacro	matança	DIVERGÊNCIA
	Penível	penoso	DIVERGÊNCIA
	ressorte	competência	DIVERGÊNCIA
	Moço = criado	Moço = jovem	DIVERGÊNCIA
	Babado = Particípio passado do verbo 'babar'	Babado = enfeite	DIVERGÊNCIA
	Borracho = Filhote de pombo	Borracho = beberrão	DIVERGÊNCIA
	Trem = carruagem	Trem = bagagem, aparelho	DIVERGÊNCIA
	Rico = querido	Rico = contrário de pobre	DIVERGÊNCIA
-	Palavras indígenas introduzidas na língua: mirim, guassú, Pirajá, caipora, etc.	SINGULARIDADE	



	PORTUGAL	BRASIL	STATUS
MORFOLOGIA	Uso de adjetivos = Sem distinção	Uso de adjetivos = Sem distinção	CONVERGÊNCIA
	Possessivos = são substituídos pelo emprego do possuidor com a forma de dativo (ler meo livro → ler-me o livro; ir a tua casa → ir-te a casa)	Possessivos = precedem o objeto possuído	DIVERGÊNCIA
	Pronomes me, te, se são usados depois do verbo	quase sempre são usados antes do verbo	DIVERGÊNCIA
	Verbo Estar = usado sem complemento objetivo do verbo (está calor)	Verbo Estar = usado com complemento do verbo (está fazendo calor)	DIVERGÊNCIA
	Verbo Ter = expressa posse	Verbo Ter = expressa posse	CONVERGÊNCIA
	-	Verbo ser (denota existência) e estar (denota estado)	SINGULARIDADE
	Preposição <i>a</i> = é favorita, denota uma relação entre substantivos	Preposição <i>a</i> = limita-se a exprimir termo de um movimento ou ação	DIVERGÊNCIA
	Particípio Presente com uso da preposição favorita (estou a escrever)	prefere-se o uso do gerúndio (estou escrevendo)	DIVERGÊNCIA
	-	Advérbio 'além' = precede substantivo ou refere ao que já se tinha falado	SINGULARIDADE
	-	Interjeição ai: No Brasil só exprime dor (não se diz: Ai! Que lindo!)	SINGULARIDADE

Figura 1. Retrato do falar do Português Europeu X Português Brasileiro e duas divergências, convergências e singularidades.

Fonte: próprio autor.

Vale dizer que, em relação à estilística, o Português Europeu e o Português Brasileiro também apresentam divergência; enquanto esse apresenta de maneira mais clara a ideia para agradar, aquele imita o primor da linguagem dos primeiros mestres.

Não custa ressaltar, antes de dissertar sobre as variedades dos falares em território brasileiro, que esse país possui um vasto território geográfico e que, nas palavras de Mattoso Câmara Júnior (1976, p. 31) “as modalidades de uma exploração intermitente e caprichosa já propiciavam, [...], por si só uma complexa dialeção, [...]”. Por isso mesmo,



Faraco (2016, p. 136) afirma que o “Brasil é, até agora, a única sociedade extraeuropeia em que a língua portuguesa se tornou a L1 da maioria absoluta da população”. Ou seja, uma hegemonia linguística que, no mundo lusófono, é apenas compartilhada com Portugal, de onde partira. Mas uma hegemonia que “não significa (...) homogeneidade” (FARACO, 2016, p. 137), especialmente no caso brasileiro. Aliás, a homogeneidade não é um fenômeno que possa ser diretamente associado a qualquer língua natural em sentido estrito, pois será sempre ilusória. Entrementes, no caso específico do Brasil, pode-se afirmar que, em função da complexa sócio-história e dos plurais contatos linguísticos e culturais, por que este país passou, menos ainda seria qualquer homogeneização possível, já que a própria sobrevivência da língua portuguesa no País parecia improvável, em face do cenário demográfico existente. (MACHADO FILHO e SANTOS OLIVEIRA, 2017, p. 263)

A riqueza e diversidade linguística do Brasil, que exhibe variedades bem construídas e funcionais dentro das engrenagens da língua de origem em sua unidade estrutural, também constitui um patrimônio que merece ser cada vez mais estudado. É possível dizer que o português são vários, ainda que “contidos” na tradição de seu arcabouço histórico. Para que isso fosse possível, não bastaram os processos sócio-históricos de sua constituição; fizeram vez as muitas línguas autóctones, as africanas (vindas por causa da escravidão) e as de imigração – enriquecendo, sobretudo, o léxico da língua ainda soberana enquanto estatuto político.

Destarte, importa também apresentar as convergências, divergências e singularidades apreendidas dos falares do Português Brasileiro, a partir obras marcantes para a segunda fase da dialetologia brasileira: *O Dialeto Caipira* (1920), de Amadeu Amaral; *O Linguajar Carioca* (1922), de Antenor Nascentes e para *A Língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim, conforme o quadro a seguir⁴:

⁴ Não custa informar que as obras também se referem ao léxico da língua brasileira, no entanto, que embora se aquiesça aqui com Da Graça Krieger (2014, p. 325) em sua defesa de que “o léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo”, o volume de informações relativas a esse nível de análise da língua é tão grande e importante que merece uma abordagem particular, quiça relacionando-a à teoria e método próprios à Lexicografia Histórico-Variacional.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialectológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

		CARIOCA	CAIPIRA	NORDESTIN O	STATUS
FONÉTICA/FONOLOGIA	Prosódia	Os traços característicos da pronúncia carioca são os mesmos que distinguem da pronúncia de Portugal e das demais regiões do Brasil: frouxidão e suavidade.	Tom geral lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e Os acentos e as pausas são abundantes, além de distribuídas de modo diverso. Na duração das vogais o falar caipira faz durar as primeiras dois tempos e as segundas quatro.	É demorada, igual, arrastada.	DIVERGÊNCIA
	A	Transforma-se em E reduzido ou fechado; Passa a O por influência de labiais; Nasal, desnaliza-se ou muda-se em I; Final, em alguns casos, torna-se IA	Tônica, não sofre alteração; Porém, quando seguida de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditonga pela geração de um i: rapáiz, méis, péis, nós, láiz; Quanto às átonas: Na sílaba postônica dos vocábulos graves, conserva o seu valor típico.	Pronunciadas com a mesma duração; e sempre abertas. seguido de S ou Z finais acrescenta um I, ditongando-se; diante de nasais, nasala-se. Finais postônicas não sofrem alteração. Átono Pretônico passa a Ê; soa como I em casos de assimilação imperfeita; transforma-se em O.	SINGULARIDADE
	E	Inicial e protônico ou se conserva ou passa a I, nasalizando-se ou não; Final, passa a reduzido; Nasal inicial passa a I nasal; Protônico, conserva seu valor.	Tônica, não sofre alteração; Porém, quando seguida de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditonga pela geração de um i: rapáiz, méis, péis, nós, láiz; Quanto às átonas: Na sílaba postônica dos vocábulos graves, conserva o seu valor típico. Pretônico - i) Inicial, aparece mudado em i nasal em inzame< exame, inguí< igual. ii) Medial, muda-se freqüentemente em i (tisôra, Tiodoro,	Pronunciadas com a mesma duração. É, Ê nasalam-se quando têm depois de si uma nasal. final passa invariavelmente a I em todas as classes. soa como I quando átono pretônico e quando tem depois de si um S com que forme sílaba; passa a I quando nasal e inicial; soa	CONVERGÊNCIA E SINGULARIDADE



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

		<p>piqueno). Inicial nasal, muda-se em in: imprego, incurtá(r), insino.</p>	<p>aberto sendo inicial e tendo depois de si um R ou L com que forme sílaba; é pronunciado aberto geralmente.</p>	
I	<p>Inicial isolado frequentemente nasaliza-se; protônico, conserva-se ou passa para E; Final, passa a E no sufixo -il; Nasal inicial ou protônico, passa a E</p>	<p>Tônica, não sofre alteração; Porém, quando seguida de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditonga pela geração de um i: rapáiz, méis, péis, nóis, láiz; Quanto às átonas: Na sílaba postônica dos vocábulos graves, conserva o seu valor típico.</p>	<p>Pronunciadas com a mesma duração; e sempre abertas. finais postônicas não sofrem alteração. I pretônico inicial nasala-se na linguagem popular; soa como E e Ê.</p>	<p>CONVERGÊNCIA E SINGULARIDADE</p>
O	<p>Átono inicial é fechado; Final, é reduzido; Nasal átono inicial é fechado</p>	<p>Tônica, não sofre alteração; Porém, quando seguida de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditonga pela geração de um i: rapáiz, méis, péis, nóis, láiz; Átonas: Na sílaba postônica dos vocábulos graves, conserva o seu valor típico. Medial, muda-se muitas vezes em u: tabuleta, cozinha, dumingo. Medial nasal, muda-se em u, em lumbi(lh)o, amuntá(r), cume(r), cumpadre, e em geral nos vocábulos cuja sílaba inicial e cõ.</p>	<p>Pronunciadas com a mesma duração. Ó, Ô nasalam-se quando têm depois de si uma nasal. Final soa U. O tem som de Ó, Ô e U; o O pretônico é aberto; soa aberto nos infinitivos em - ar, fechado nos infinitivos em - er e soa como U nos infinitivos em -ir; quando medial vale quase sempre como U.</p>	<p>SINGULARIDADE</p>
U	<p>Apresenta poucas alterações: urina → ôrina, umbigo → imbigo</p>	<p>Tônica, não sofre alteração; Porém, quando seguida de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditonga pela geração de um i: rapáiz, méis, péis, nóis, láiz; Quanto às átonas: Na sílaba postônica dos vocábulos graves, conserva o seu valor</p>	<p>Pronunciadas com a mesma duração; e sempre abertas. Nasala-se quando têm depois de si uma nasal. finais postônicas não sofrem alteração.</p>	<p>CONVERGÊNCIA</p>

		típico.		
Y (SC)	Palataliza o L, N, T e D precedentes; Postônico, precedendo imediatamente a vogal final, é absorvido.	Ø	Ø	SINGULARIDADE
W (SC)	É atraído ou absorvido	Ø	Ø	SINGULARIDADE
AI	Conserva-se nos monossílabos; sofre redução diante do fonema xê, absorvido o I pela palatal; sofre nos presentes do subjuntivo dos verbos saber e caber; traição → treição, Raimundo → Reimundo	Antes da palatal x, reduz-se à prepositiva: baxo, baxêro, faxa, caxa, paxão;	Às vezes passa a EI; diante da palatal x perde a semivogal	CONVERGÊNCIA E SINGULARIDADE
AU	Protônico passa a O	Ø	Quando átono passa a Ó; quando tônico perde muitas vezes a semivogal	CONVERGÊNCIA
ÃO	Final e átono perde o primeiro elemento	Ø	Átono vale O	CONVERGÊNCIA
EU	Átono e inicial passa a O	Ø	Quando átono passa a Ó	CONVERGÊNCIA
OU	Reduz a O	i) Acentuado ou não, contrai-se o primeiro em ô; ii) Nas formas verbais em que o acento tônico recai em ou, este às vezes se contrai em ó.	reduz-se a Ó; passa a U. Não há sincretismo entre OI e OU	CONVERGÊNCIA
EI	Conserva-se nos monossílabos e diante de vogal; não sendo final, reduz-se a E diante de consoante.	Reduz-se a e quando seguido de r, x ou j: isquêro, arquêre, chêro, pêxe, dêxe, quêjo, bêjo, berada. Nos vocábulos em que é seguido de o ou a, como ceia, cheio, veia, também aparece às vezes representado por ê: chêo, vêa, cêa; Nasal, final de vocábulo, reduz-se a e grave; viaje, virge,	Perde a semivogal mesmo entre os cultos; o I soa quando é seguido por O em hiato e quando está antes da explosiva T e da fricativa Ç	SINGULARIDADE



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

		home, êles corre.		
OI	Ø	i) Acentuado ou não, contrai-se o primeiro em ô; ii) Nas formas verbais em que o acento tônico recai em ou, este às vezes se contrai em ó.	reduz-se a Ô	CONVERGÊNCIA
UI	Reduz-se à nasal U em muito	Ø	em muito cai a semivogal	CONVERGÊNCIA
IE	Reduz-se a E em quieto	Ø	Ø	SINGULARIDADE
IO	Ø	Final de vocábulo, ditonga-se sempre em iu: paviu, tiu, riu	Ø	SINGULARIDADE
OA	(O tônico) para evitar assimilação que levasse à contração das vogais, a língua criou a semiconsoante W que serve de barreira: boa → bowa	Ø	Ø	SINGULARIDADE
B	Permanece inalterado	Muda-se às vezes uma na outra	não passa a V	CONVERGÊNCIA PARCIAL
C	Inicial, muda-se em G, esporadicamente	Ø	Inicial às vezes passa a G	CONVERGÊNCIA
D	Seguido de Y ou E reduzido, palataliza-se	Cai, quase sempre, na sílaba final das formas verbais em ando, ando, indo: andano = andando, veno = vendo, cáino, pôno, e também no advérbio quando, às vezes;	Ø	SINGULARIDADE
F	Ø	Ø	Inicial às vezes passa a V	SINGULARIDADE
G	Diante de E e I, passa a Z esporadicamente	Ø	Inicial às vezes passa a Z mediais passam algumas vezes a Z	CONVERGÊNCIA
L	Final, é pronunciado levemente pela classe culta, os pedantes exageram-no. A classe semiculta vocaliza-o diante de A, E e I; antes de cair,	- i) Em final de sílaba, muda-se em r: quarquér, papér, mér, arma; ii) Quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em r: craro, cumpreto, cramô(r), frô(r);	Substituição pelo R Inicial às vezes passa a D Final cai ou passa a R	CONVERGÊNCIA PARCIAL



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialectológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

	o L final se transforma em R; palatalizado constitui uma dificuldade para a classe inculta. Inicial, o L palatal é contrário à índole de nossa língua (exceção: lhe).			
J	Ø	Palatais são explosivos	mediais passam algumas vezes a Z	SINGULARIDADE
N	Final, cai na pronúncia não culta; palatal, se despalataliza em alguns casos para evitar dissimilação.	Ø	Inicial às vezes N passa a L	SINGULARIDADE
R	Final, é pronunciado levemente pela classe culta, os pedantes exageram-no. Na classe inculta cai	inter e post-vocálico possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Cai, quando final de palavra. Conserva-se, geralmente, em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influído nisso a posição proclítica habitual: dôr, cór, côr, par. Conserva-se também no monossílabo átono por, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: amor, suôr. Nos verbos, ainda que monossílabos, cai sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: vê, í, pô.	queda do R final das palavras (teoria de influência do tupi)	CONVERGÊNCIA E SINGULARIDADE
S	inicial, passa a X, às vezes; final, em sílaba átona cai na classe inculta; tem-se atribuído o chiado carioca do S à influência portuguesa	s post-vocálico tem sempre o mesmo valor: é uma linguo-dental ciciante; s propriamente sibilante, assobiado, e bem assim chiante, são aqui desconhecidos.	Há três sons para o S: s = ç – quando no início da sílaba, s = x – quando no meio e no final da sílaba, e s = i – quando antes de uma consoante	CONVERGÊNCIA



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

			sonora; S sibilado é desconhecido. Inicial às vezes passa a X	
T	Palataliza-se diante de E e I reduzidos.	Ø	Ø	SINGULARIDADE
V	inicial, muda-se em B	Muda-se às vezes uma na outra	Inicial às vezes V passa a B	CONVERGÊNCIA
X	Ø	Ø	medial toma às vezes o som de fricativa palatal surda	SINGULARIDADE
Z	final, tem o mesmo tratamento do S final	Ø	Z medial passa a G	SINGULARIDADE
CL	o L muda-se em R	Ø	Troca do L pelo R	CONVERGÊNCIA
CR	conserva-se em sílabas tônicas e o R tende a desaparecer em sílabas átonas	Ø	Ø	SINGULARIDADE
L + CS	Na classe inculta passa a R ou ocorre ultracorreção: galfo, velgonha	Ø	Ø	SINGULARIDADE
→	BC, BD, BF, BG, BJ, BN, BT, BV, CÇ, CM, CN, CT, CZ, DG, DJ, DM, DN, DQ: não aparecem na linguagem da classe inculta	Ø	LB e RB, LC e RC, LF e RF, LG e RG, LM e RM, LP e RP, LQ e RQ, LV e RV: vocalizam a prepositiva	SINGULARIDADE
LR/ RL	assimilam-se em RR	Ø	Há assimilação	CONVERGÊNCIA
ST	precedido de vogal nasal a desnazaliza na classe inculta			SINGULARIDADE
Prótese	✓	✓	✓	CONVERGÊNCIA
Epêntese	✓	✓	Ø	CONVERGÊNCIA PARCIAL
Suarabacti	✓	Ø	Ø	SINGULARIDADE
Paragoge	✓	Ø	✓	CONVERGÊNCIA PARCIAL
Aférese	✓	✓	✓	CONVERGÊNCIA
Síncope	✓	✓	Ø	CONVERGÊNCIA
Apócope	✓	✓	✓	CONVERGÊNCIA
Metatese	✓	✓	✓	CONVERGÊNCIA
Assimilação	✓	✓	✓	CONVERGÊNCIA
Dissimilação	✓	✓	✓	CONVERGÊNCIA
Nasalização	✓	Ø	✓	CONVERGÊNCIA



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

MORFOLOGIA					PARCIAL	
		Palatalizaçã o	✓	Não existe o LH.	✓	SINGULARIDADE
		Despalatal.	✓	Ø	Ø	SINGULARIDADE
	Substantivos	Flexão numérica por meio de S desaparece na classe inculta; as palavras femininas devem terminar por A; o carioca abusa do diminutivo.	Ø	- O sujeito nunca se emprega sem o artigo. - Os substantivos coletivos têm verbo no plural.	SINGULARIDADE	
	Adjetivos	Apresenta flexão de número quando vem anteposto; as forma gradativas analíticas dominam sobre as sintéticas.	O adjetivo deixa, frequentemente, de sofrer a flexão genérica.	Ø	SINGULARIDADE	
	Pronomes	Você – pronome de 2ª pessoa; tu – emprego enfático; vós e pronomes oblíquos (o, a, os, as) – expressões cristalizadas; reflexivo SE serve para a 1ª e 2ª pessoa; nós – pronome de 1ª pessoa plural; vós – pronome de 2ª pessoa plural; a gente usado em lugar de nós; vocês – usado no lugar de vós; as combinações mo, ma, mos, mas, to, ta, tos, tas, lho, lha, lhos, lhas são usadas apenas na escrita	Tu tem emprego puramente enfático, ligando-se a formas verbais da 3.ª pessoa: tu bem sabia, tu vai, tu disse, Vóis (vós) já não se ouve, senão, talvez, excepcionalmente. Os casos oblíquos nos, vos têm emprego muito restrito: na maior parte das vezes preferemse-lhes as formas analíticas pra nós, pra você. Vos já não corresponde a Vós, mas a vacê: - v. já deve de sabê, porque eu vos disse muntasvêis.	- Na língua matuta os pronomes de 2ª pessoa são mais usados, em ordem decrescente: tu, você e vós. - As pessoas que vivem em contato direto com o povo, mesmo quando sejam de nível superior, sofrem muitas vezes o contágio do tratamento vulgar da 2ª pessoa do singular. - Nos e Vos oblíquos não são empregados pelo povo. São substituídos, respectivamente, por a gente e vocês. - A forma Contigo é desconhecida. Comigo é pouco usada. Usa-se cum eu/mais eu,		

			cum tu/mais tu, cum você/mais você.	
Verbos	Subjuntivo é o menos usado dos modos; falta o infinitivo pessoal; raro emprego do futuro do presente, pretérito perfeito simples, do perfeito do subjuntivo; falta de concordância	PESSOA - Só se empregam correntemente as formas da 1. ^a e 3. ^a pessoas. NÚMERO - O plural da 1. ^a pessoa perde o s: bamo, fômo, fazêmo. Nas formas do preter. perf. do indic. dos verbos em ar, a tônica muda-se em e: trabaiêmo - trabalhamos. No pres. do indic. de pôr, ter, vir, as formas da 3. ^a pessoa são: ponham, tenham, venham. MODOS E TEMPOS - fut. imperf. do indic. exprime-se com as formas do presente: eu vô, nósfazêmo, ele manda, por "eu irei", "nós faremos", "ele mandará".	- A simplificação atingiu a pessoas e tempo, mas sobretudo a pessoas, ficando reservado quase que só aos pronomes o papel de as determinar. - O futuro do indicativo não é usado. Em seu lugar emprega-se o presente do indicativo. - Condicional é substituído sempre pelo imperfeito do indicativo. - Pretérito mais que perfeito é usado apenas em expressões cristalizadas. -Nos verbos irregulares ocorre analogia.	
Preposições	a, té, inté, cum/cõ, contra, de, desde, im e ni, entre, pra, pru, sem	Ø	Ø	SINGULARIDADE
Advérbios	De tempo; de lugar; de modo; de quantidade; de afirmação; de negação; de dúvida; de exclusão; de despedida.	Ø	Ø	SINGULARIDADE
Conjunções	Copulativa; disjuntiva; adversativa; conclusiva; concessiva; final; causal; condicional; correlativa; modal; temporal.	Ø	Ø	SINGULARIDADE
Interjeições	Usadas pelos incultos ou	Ø	Ø	SINGULARIDADE



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

	semicultos: Ô! Vôte! Ôba! Uê			
Número	Ø	<p>a) Nos VOCÁBULOS ÁTONOS, conserva-se: os, as, nos (contração e pronome), nas. Aliás, há pronunciada tendência para tornar tônicos esses vocábulos; pela ditongação: ois, ais, etc. A conjunção mas tornou-se mais.</p> <p>b) Nos OXÍTONOS, conserva-se, - salvo quando mero sinal de pluralidade: crúz, retróis, nós (nós), nuz (nóz). Como sinal de pluralidade, desaparece: os pau, os nó, os ermão, os papé, as frô(r), os urubú. Excetua-se os determinativos uns, alguns, seus, meus (sendo que estes dois últimos, quando isolados, perdem o s: estes carru são seu', esses não são os meu').</p> <p>c) Nos vocábulos PARO e PROPAROXÍTONOS, desaparece: um arfére, os arfére; o pire, os pire; dois home. Excetua-se os determinativos, que conservam o s: u"as, argu"as, certos, muitos, estes, duas, suas, minhas, etc. assim como o pronome eles, elas. Quando pronominais, porém, os determinativos podem perder o s: Estas carta não são as minha.</p>	<p>- É indicado apenas pelo determinativo.</p> <p>- O S desaparece no final das palavras mas persiste quando medial.</p>	SINGULARIDADE
Grau	Ø	<p>a) QUANTIDADE - O aumentativo e o diminutivo têm constante emprego, sendo que as flexões vivas quase se limitam</p>	<p>- Não se emprega a forma analítica ou sintética, combinam-se as duas.</p>	SINGULARIDADE



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

		<p>a) aãoona para o primeiro, inhoinha, icoica para o segundo.</p> <p>b) COMPARAÇÃO - As formas sintéticas são freqüentemente substituídas pelas analíticas.</p> <p>c) SUPERLATIVIDAD E - Quase inteiramente limitada às formas analíticas.</p>	<p>- O superlativo é sempre analítico.</p> <p>- O aumentativo e o diminutivo fazem-se com os sufixos -ão, -ona, -inho, -inha, -ito, -ita, -ico, -ica são desconhecidos.</p> <p>- Aos advérbios atinge também a flexão diminutiva.</p>	
Formação de Palavras	Há uma grande tendência para a criação, por derivação e por composição, de muitos neologismos.	<p>1. O dialeto tem dado provas de grande vitalidade quer por composição, quer por derivação.</p> <p>2. Formações teratológicas:</p> <p>a) ETIMOLOGIA POPULAR: de "guapê", voc. de origem tupi, fez-se aguapê, por se ver nele um composto de água e pé; de "caapuan", mato redondo, ilha de mato, fez-se capão; etc.</p> <p>b) DERIVAÇÃO REGRESSIVA: de paixão, se fez paixa, por se tomar aquela forma como um aumentativo; de satisfação, por idêntico motivo, se tirou sastifa, com hipértese de s.</p>	Ø	SINGULARIDADE

Figura 2. Retrato dos falares do Português Brasileiro (carioca, caipira e nordestino) e duas divergências, convergências e singularidades.

Fonte: próprio autor.

UMA PAUSA NA CONVERSA

É mister admitir que este trabalho se finda com algumas lacunas. Apesar disso, não se faz incompleto, e sim aberto a diversas possibilidades de preenchimento. E qual não é o objetivo final de uma pesquisa acadêmica se não despertar inquietações e estudos



novos e até mais elaborados? Por isso, este capítulo não se faz como conclusão, mas como uma pausa na conversa.

Assim, um ponto merece ainda ser destacado nesta que será, por ora, as palavras finais. Para tanto, vale considerar o que destacam Machado Filho e Santos Oliveira (2017, p. 260)

Falado em diferentes espaços, em diferentes continentes do Globo terrestre, o português, nas várias facetas com que seu “rosto linguístico” e sua “mocidade” passaram, paradoxalmente, a se identificar, conformou-se em veículo multicultural e multiespacial de expressão, tendo sido falado nos diversos cenários de colonização por que transitou, e é, hoje, veículo tanto em âmbito local, quanto global, isto é, intra, trans e internacionalmente, referenciando pluralidades e mediando níveis distintos de representação cultural e identitária, inobstantes os novos formatos que absorveu.

Por isso mesmo, foi fácil concluir, através dos dados de singularidade, convergência e divergência dos itens abordados, que o Português em suas variedades europeia e brasileira apresentam um número expressivo de divergências; enquanto as variedades carioca, caipira e nordestina apresentam entre si um número sobrepujante de singulares e convergências.

Esse dado, no entanto, não é suficiente para desconsiderar que “quando se fala de língua portuguesa una, na diversidade de suas manifestações, tem-se em mente – por um lado – a estrutura comum que está na base de suas diversificadas realizações e por outro os fatores históricos que a unem e a definem como tal”, como quer Mattos e Silva (1988, p. 64). Em vez disso, é preciso atentar, como defende a autora, que “A variante portuguesa e a brasileira apresentam normas linguísticas caracterizadoras que fazem com que de imediato se identifique um português de um brasileiro, mesmo que não se identifique de que lugar ou de que estrato social de Portugal ou do Brasil provêm” (p. 64).

Por isso, importa ressaltar que esse resultado confirma as hipóteses de variação espacial existente em todas as modalidades de língua do Português. Resta então afirmar:



o português são dois e são muito mais do que dois!

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi./ HUICITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Brazilian dialectology: perspectives. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. SPE, p. 233-255, 1999.

CARDOSO, Suzaba Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

FERREIRA, Manuela Barros et al. Variação linguística: perspectiva dialetoológica. **FARIA, Isabel Hub et al**, p. 479-502, 1996.

MACHADO FILHO, Américo VL. Um ponto de interseção para a dialetoologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 41, p. 49-70, 2010.

MACHADO FILHO, Américo. Diversidade linguística do português: entrefaces. In: **Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística**. Brasília: IPHAN, 2016. v. 1. p. 249-262.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; SANTOS OLIVEIRA, Ione Pereira dos. **O português como língua glocal: aspectos sócio-históricos e linguísticos de sua conformação**. No prelo.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. São Paulo: Nacional, 1934.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Diversidade e unidade: a aventura linguística do português. **Revista ICALP**, vol. 11, março de 1988, p. 60-72.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Süsskind de Mendonça, 1922.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo Cultrix, 2012.

SILVA, José Jorge Paranhosda. **O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil**. Rio de Janeiro: Typ. de L. Winter, 1879.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Recebido Para Publicação em 05 de junho de 2019.

Aprovado Para Publicação em 28 de julho de 2019.